

NEGAÇÃO DE CONSTITUINTES NÃO-ORACIONAIS: DIFERENÇAS PARAMÉTRICAS¹

Rerisson Cavalcante (UFBA)

RESUMO:

O trabalho trata dos padrões de negação de constituinte (NCt) no português brasileiro (PB), em comparação com outras línguas, analisando seis contextos: negação de itens lexicais; *slogans* negativos; fragmentos negativos; *bare argument ellipsis*; tópicos negativos; e coordenações corretivas. O artigo oferece uma proposta de análise: (i) para a distribuição assimétrica dos padrões [Neg Y] e [Y Neg] em tipos diferentes de NCt; (ii) para o bloqueio de [Neg Y Neg] no PB, apesar da disponibilidade, no nível sentencial, de uma estrutura equivalente ([Neg VP Neg]); (iii) e para a possibilidade de [Y Neg] em línguas sem [VP Neg], como o espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: negação de constituintes; variação paramétrica; negação posposta.

ABSTRACT:

The paper describes six syntactic/discursive contexts of Constituent Negation (CtN) in Brazilian Portuguese (BP), in comparison with other languages: negation of lexical items; negative slogans; negative fragments; bare argument ellipsis; negative topics; e corrective coordination. It offers an account for: (i) the asymmetric distribution of [Neg Y] and [Y Neg] in different types of CtN; (ii) the block of [Neg Y Neg] in BP, despite its availability in the sentential level as [Neg VP Neg]; (iii) the acceptability of [Y Neg] in languages without [VP Neg], like Spanish.

KEYWORDS: constituent negation; parametric variation; post-negation.

1 A pesquisa que resultou neste artigo recebeu o apoio da FAPESP e da CAPES.

de constituintes nas línguas; na seção 3, descrevo os dados de negação de constituintes do PB (em comparação com outras línguas) em seis contextos sintático-discursivos; ainda nesta seção, também discutirei a literatura prévia sobre o fenômeno; na seção 4, apresento a proposta de análise para a distribuição dos padrões aceitáveis no PB, em que relaciono a negação posposta de constituintes à negação oracional anafórica no sentido de Cavalcante (2012); na seção 5, concluo o trabalho, esboçando uma tipologia da negação anafórica.

2. NEGAÇÃO DE CONSTITUINTES NAS LÍNGUAS

O tipo mais estudado de negação de constituintes é a de VP sem escopo oracional, (cf. (3)), em que a negação não recai sobre toda a sentença, que, a rigor, permanece afirmativa.

- (3) a. John can always [**not** agree].
J. AUX sempre NEG concordar
'John pode sempre não concordar'
- b. John has been [**not** playing football for many years].
J. AUX ASP NEG jogar futebol por muitos anos
'João tem estado sem jogar futebol por muitos anos'
- c. To have [**not** played football for many years] is a disadvantage in a game.
PART AUX NEG jogado futebol por muitos anos é uma desvantagem em um jogo
'Ter ficado sem jogar futebol por muitos anos é uma desvantagem em uma partida'
(CHOI, 2004, p. 187; glosas e tradução minhas)

A falta de escopo oracional desses exemplos pode ser demonstrada pela possibilidade de co-ocorrência de uma negação sentencial, como em (4).

- (4) a. John cannot always [**not** agree].
J. AUX NEG sempre NEG concordar
'John não pode sempre não concordar'
- b. John hasn't been [**not** playing football for many years].
J. AUX NEG ASP NEG jogar futebol por muitos anos
'João não tem estado sem jogar futebol por muitos anos'
- c. To not have [**not** played football for many years] is a disadvantage in a game.
PART NEG AUX NEG jogado futebol por muitos anos é uma desvantagem em um jogo
'Não ter ficado sem jogar futebol por muitos anos é uma desvantagem numa partida'

Mas a negação também pode agir sobre constituintes não-oracionais e não-verbais. Vitral (1999) mostra que o mesmo marcador que realiza a negação sentencial também pode negar elementos não-oracionais como nomes (5a), adjetivos (5b), quantificadores (5c) ou advérbios (5d).

- (5) a. A *não demonstração* do teorema por parte do professor levou o governo a prendê-lo
b. José considera o caseiro **não condizente** com o emprego.
c. Os alunos fizeram **não muitos trabalhos**.
d. Ele falou **não claramente**.
(VITRAL, 1999, s.p.)

Alguns dos dados podem, à primeira vista, não ser facilmente distinguíveis entre a negação de projeções máximas XPs ou de itens lexicais (i.e. núcleos) específicos (cf. (5a) e (5b)), mas a negação de constituinte claramente também pode agir sobre categorias máximas como DPs, como em (6).

- (6) a. Ele comprou **não** um carro, (mas) uma moto.
 b. Ela alugou **não** uma casa, (mas) um apartamento.
 c. He bought, **not** a car, but a motorcycle.

Nos exemplos de (4) a (6), o padrão encontrado é [Neg Y]. Já a estrutura [Y Neg] está presente, por exemplo, em turco (cf. (7a)). Esse padrão parece um reflexo da configuração disponível para a negação sentencial nesta língua, que é considerada de núcleo final, em que a negação se realiza como sufixo verbal (cf. (7b)).

- (7) Turco
 a. (ben) bugün [is-e **degil** mac-a git-ti-m. [Y Neg]
 eu hoje trabalho-DAT NEG.COP partida-DAT ir-PAST-1SG
 ‘Eu não fui ao trabalho hoje, (mas) ao jogo’

- b. Hasan kitab-i oku **-ma-di**. [V Neg]
 H. livro-ACC ler-NEG-PASS
 ‘Hasan não leu o livro’

(KORNFILT, 1997, p. 126, 123; glosas e tradução minhas)

Também em marati (língua da Índia centro-ocidental), a negação sentencial apresenta a estrutura [VP Neg] (cf. (8a)). A negação de constituinte tem um comportamento semelhante, com a forma [Y Neg] (cf. (8b)).

- (8) Marati
 a. Te kal badzarat gele **nahit**. [VP/IP Neg]
 eles ontem mercado-LOC ir-PST-3MPL NEG-PL
 ‘Eles não foram ao mercado ontem’

- b. Te [kal **nahi**] badzarat gele. [Y Neg]
 eles ontem NEG mercado-LOC ir-PST-3MPL
 ‘Eles não foram ao mercado ONTEM. (Foram outro dia)’.

(PANDHARIPANDE, 1997, apud BHATT, 2003, s/p.; glosas e tradução minhas)

O padrão [Neg Y Neg] também é encontrado. Em africâner, a negação sentencial é expressa majoritariamente através de [Neg VP Neg] (cf. (9a)), com um uso reduzido de [Neg VP]. Na negação de constituinte, o africâner simula o padrão sentencial com o uso obrigatório da configuração [Neg Y Neg] (cf. (9b)).

- (9) Africâner
 a. Hy het **nie** die huis gekoop **nie**. [Neg VP Neg]
 ele AUX NEG a casa comprar NEG
 ‘Ele não comprou a casa’

- b. **Nie die geld nie**, maar die tyd pla hom. [Neg Y Neg]
 NEG o dinheiro NEG mas o tempo preocupa ele
 ‘Não (é) o dinheiro, mas o tempo (que) o preocupa’
 (BIBERAUER; CYRINO, 2009, p. 1, 4; glosas e tradução minhas)

Esse padrão [Neg Y Neg] também é documentado em hausa, língua do oeste africano. A negação sentencial é expressa majoritariamente por [Neg VP Neg], com a coocorrência dos marcadores *bàa* (em posição pré-I°) e *bá* (em posição final) (cf. (10a)), com um uso menos frequente de [Neg VP] em contextos específicos (cf. ZIEGELMEYER, 2009; CRYSMANN, 2010). A negação de constituintes menores também é realizada através da coocorrência de *bàa* e *ba*, com o padrão [Neg Y Neg] (cf. (10b)), como aponta Ziegelmeyer (2009).

- (10) Hausa
- a. Málàmai **bà** sù ji kome **ba**. [Neg VP Neg]
 professores NEG 3PL-COP ouvir algo NEG
 ‘Os professores não ouviram nada anything.’
 (CRYSMANN, 2010, p. 270; glosas e tradução minhas)
- b. Audu yaa tafi kaasuwa (ammaa) **bàa dá saafe ba**. [Neg Y Neg]
 A. 3M.COMP ir mercado (mas) NEG em manhã NEG
 ‘Audu foi ao mercado (mas) não de manhã’
 (ZIEGELMEYER, 2009, p. 9; glosas e tradução minhas)

Em resumo, o inglês, cuja negação sentencial é **pré-VP** (embora pós-I°), apresenta o padrão **pré-Y** na negação de constituinte. Em turco, cuja negação sentencial se manifesta como afixo à direita do verbo, em um tipo de padrão **pós-V°/VP**, a negação de constituinte é **pós-Y**. Em marati, cuja negação sentencial é **pós-VP/IP**, a negação de constituinte é **pós-Y**. Já o africâner e o hausa, cuja negação sentencial é [Neg IP/VP Neg], apresentam justamente um padrão simultaneamente **pré-e-pós-Y** (i.e. [Neg Y Neg]) na negação de constituinte.

Parece haver uma relação entre o padrão de negação sentencial e o padrão de negação de constituinte que a língua exibe, com uma tendência para o uso, no domínio não-sentencial, do mesmo padrão do domínio oracional (ou, ao menos, um subconjunto desses padrões).³ Na seção seguinte, examinarei vários contextos de negação de constituintes no PB (e outras línguas), para descrever os padrões que ocorrem nesse domínio, em comparação aos padrões sentenciais. A descrição realizada servirá de base para a proposta apresentada na seção 4.

3. DISTRIBUIÇÃO DA NEGAÇÃO NÃO-ORACIONAL NO PB

Para identificar os padrões de negação de constituinte, examinarei seis contextos distintos. A hipótese *default* é que estes reflitam os padrões do nível sentencial. Esperar-se-ia, então, que o PB apresentasse os três padrões: [Neg Y], [Y Neg] e [Neg Y Neg]. Não é o que ocorre. Apenas dois deles são encontrados, mas estes não se distribuem igualmente por todos os contextos. Este trabalho tentará responder por que a situação é esta.

³ Não é objetivo deste texto a realização de uma extensiva descrição tipológica de modo a confirmar esta generalização, que pode ter muitas exceções.

3.1. Negação de itens lexicais (NIL)

Os exemplos de Vitral (1999) repetidos em (11) mostram que, no PB, a negação pode negar itens lexicais simples (NIL), como N, A, Adv e Q. Nestes casos, o padrão é [Neg Y].

- (11) a. A **não** demonstração do teorema (...)
b. José considera o caseiro **não condizente** com o emprego.
c. Os alunos fizeram **não muitos** trabalhos.

Os padrões [Y Neg] e [Neg Y Neg] são inaceitáveis no PB, conforme (12)-(13).

- (12) Inaceitabilidade de [Y Neg] em NIL
a. *A [demonstração **não**] do teorema...
b. *A [organização **não**] do congresso...
c. *O tratado de [proliferação **não**] de armas nucleares...
d. *Uma conduta [condizente **não**] com o emprego...
e. *Os alunos fizeram [muitos **não**] trabalhos.
- (13) Inaceitabilidade de [Neg Y Neg] em NIL
a. *A [**não** demonstração **não**] do teorema...
b. *A [**não** organização **não**] do congresso...
c. *O tratado de [**não** proliferação **não**] de armas nucleares...
d. *Uma conduta [**não** condizente **não**] com o emprego...
e. *Os alunos fizeram [**não** muitos **não**] trabalhos.

Em inglês, os casos de NIL comportam-se de modo semelhante. Apenas [Neg Y] é possível, mas o item negativo utilizado com nomes e adjetivos não é *not*, mas o elemento quase-afixal *non*; com quantificadores e advérbios, ocorre o marcador *not* (cf. (14)).⁴

- (14) a. The **non**-demonstration of the theorem.
b. Treaty on the **non**-proliferation of Nuclear Weapons.
c. The **non**-consensual sex.
d. The **non**-derivational approaches.
e. **Not** many students.
f. **Not** clearly (cf. *unclearly*)

As ordens [Y Neg] e [Neg Y Neg] são inaceitáveis, seja com *not* seja com *non* ou *no*.

⁴ Um parecerista anônimo sugere que o uso de *non* com nomes e adjetivos e de *not* com quantificadores advérbios indica que *non* age sobre o domínio nominal e que *not* atua sobre o domínio oracional, uma vez que os advérbios seria modificadores de categoriais funcionais da projeção estendida do verbo (cf. CINQUE, 1999). Adicionalmente, ele levanta a questão de que, nos casos de negação de quantificadores e de advérbios, o XP introduzido por *not* poderia se juntar ao NegP sentencial no curso da derivação.

Quanto ao primeiro ponto, essa conclusão não me parece clara, pois o quantificador "many" não parece estar relacionado à projeção estendida do VP, mas a uma possível projeção estendida do NP. O caso do advérbio "clearly" é diferente, pois é um modificador verbal ou sentencial, entretanto advérbios modificadores do domínio nominal também podem ser introduzidos por *not*, como "a not so rare disease", "a not so good example". Quanto ao segundo ponto, a possibilidade de movimento do XP negado para o NegP sentencial, trata-se de uma proposta plausível, que encontra eco na literatura em análises de derivação da concordância negativa pelo movimento de quantificadores negativos (ex.: ninguém, nada etc) para Spec, NegP em LF. Entretanto, não me parece claro que essa derivação seja sensível apenas a constituintes introduzidos por *not*, mas não a itens introduzidos por *non* ou outros marcadores.

- (15) a. * The [demonstration **non/no(t)**] of the theorem.
 b. *Treaty on the [proliferation **non/no(t)**] of Nuclear Weapons.
 c. *[Many **not/no(t)**] students. (≠ few students)
 d. *Clearly **not/no(t)**. (≠ *unclearly*)⁵
- (16) a. * The [**non/no(t)** demonstration **non/no(t)**] of the theorem.
 b. * Treaty on the [**non/no(t)** proliferation **non/no(t)**] of Nuclear Weapons.
 c. *[**Not/no(t)** many **not/no(t)**] students.
 d. *[**Not/no(t)** clearly **not/no(t)**]

3.2. Slogans negativos

Outro contexto em que a negação de constituintes é produtiva são os casos de fragmentos de sentenças usados em *slogans* de campanhas sociais que expressam rejeição a um tema ou atitude, aos quais me referirei como *slogans negativos*. No PB, são possíveis, nesses *slogans*, as formas [Neg Y] e [Y Neg]. Parece haver uma variação na preferência dos falantes pelas duas estruturas.

- (17) a. **Não** à CPMF/ao preconceito/ao aborto/ao racismo!
 b. CPMF / Preconceito / Aborto / Racismo **não!** /

Já a estrutura [Neg Y Neg] é completamente inaceitável nesse tipo de dado.

- (18) a. ***Não** à CPMF / ao preconceito / ao aborto /ao racismo **não!**
 b. ***Não** CPMF / preconceito / aborto / racismo **não!**

A comparação com os dados equivalentes em inglês apresenta resultados distintos. A única configuração produtiva em inglês é a de [Neg X] e apenas o marcador *no* pode ser usado nesse contexto. [Y Neg] é inaceitável.

- (19) a. **No** war / new taxes / racism / abortion / ObamaCare!
 b. ***Not** war / new taxes / racism / abortion / ObamaCare!
 c. *War/new taxes/racism/abortion/ObamaCare **no(t)!**

Mas o inglês se comporta como o PB em não aceitar a estrutura [Neg Y Neg], também independentemente do uso do marcador negativo *no* ou *not*.

- (20) ***No(t)** war/abortion/racism **no(t)!**

Os casos do PB em (17a), entretanto, não equivalem aos casos do inglês em (19a), pois não envolvem a negação direta do constituinte, mas requerem a presença de uma estrutura [Neg [P XP]], em que P corresponde à preposição *a*. A fórmula se assemelha a uma versão resumida da expressão “*diga ‘não’ a X*”, em que a parte “*não a X*” apresenta uma estrutura de tipo dativo, indicando uma forma de

⁵ Note o leitor que (16c) e (16d) são aceitáveis com outra interpretação. (16c) pode ter uma em que **not** modifica *students* ao invés de *many*, com a interpretação ‘muitas pessoas que não são estudantes’, mas não de ‘poucas pessoas que são estudantes’. Em (16d), *clearly* é que toma escopo sobre a negação, criando a leitura de que a negação é algo evidente.

transferência verbal (cf. (21)).

(21) a. Diga **não** à CPMF / ao preconceito / ao aborto / ao racismo!

Na ausência da preposição, a estrutura [Neg Y] parece inaceitável ou marginal neste contexto, como em (22).⁶⁶ Assumo que o padrão preposicionado em (17a) é qualitativamente distinto dos demais casos de [Neg Y] analisados aqui, por envolver uma estrutura dativa. Assim, concluo que apenas [Y Neg] é produtiva em *slogans*; [Neg Y] é inaceitável ou marginal.

(22) ***Não** CPMF/preconceito/aborto/racismo!

Em resumo, os *slogans* negativos ocorrem com [Neg Y] em inglês (seguindo o padrão sentencial), mas com [Y Neg] no PB. Os *slogans* diferem dos casos de NIL nos seguintes aspectos: (i) no PB, aplicam-se padrões opostos: [Y Neg] nos *slogans* e [Neg Y] em NIL; (ii) no PB e em inglês, os *slogans* não devem ser gerados por afixação, pois não há requerimento de adjacência do marcador ao núcleo do elemento negado: a negação recai sobre um sintagma completo (cf. (23)); (iii) em inglês, sempre ocorre o item *no* ao invés do prefixo *non*.

(23) a. Privatização da Petrobrás **não!** / Álcool e direção **não!** / Inflação de novo **não!**
b. **No** new taxes! / **No** socialized medicine! (*versus* “**Non**-socialized medicine”)

Nas próximas seções, tratarei de quatro casos em que o PB permite a alternância entre dois padrões. Eles têm em comum o fato de serem tipos de negação contrastiva.

3.3. Negação contrastiva (I): fragmentos negativos em réplicas

McCawley (1991, p. 189) aponta que a negação contrastiva “*simply contrasts two ways of filling a syntactic position*”, sendo um desses modos incorreto (i.e. conduz à falsidade da sentença) e o outro modo, correto (i.e. conduz a uma sentença verdadeira). A negação contrastiva pode ser considerada um (sub)tipo de foco contrastivo, que, segundo Zubizarreta (1998, p. 6), tem o efeito (i) de negar um valor atribuído a uma variável e (ii) de introduzir um valor alternativo para a variável. O primeiro tipo examinado aqui é o caso de fragmentos negativos em réplicas. Em inglês, apenas [Neg Y] é possível nesses casos; e o marcador utilizado é necessariamente *not*.

(24) A: Who can play the guitar?
a. B: (**Not**) John. (MERCHANT, 2009)
b. B: *John **not**. / ***No** John. / *John **no**.

Já no PB, ambas as ordens [Neg Y] e [Y Neg] são aceitáveis, mas o segundo tipo soa muito mais natural do que o primeiro (cf. (25)).

⁶⁶ Um parecerista anônimo discorda da impossibilidade de [Neg Y] no contexto de *slogans* negativos, afirmando que há muitas ocorrências com esse padrão. Em meus próprios julgamentos, os casos de [Neg Y] soam como arcaicos ou como instâncias de negação de itens lexicais, falhando como *slogans* públicos. Note-se que a versão [Neg Y] de *slogans* mais complexos também soa ruim.

(i) ***Não** Privatização da Petrobrás! / ***Não** álcool e direção! / ***Não** inflação de novo!

- (25) A: Você encontrou João na festa ontem?
 a. B: João **não**. / Na festa **não**. / Ontem **não**. / Eu **não**.
 b. B: %**Não** João. / %**Não** na festa. / B: %**Não** ontem. / B: %**Não** eu.⁷

No espanhol, temos uma situação semelhante à do PB, mas sem diferenças de aceitabilidade (cf. (26)). Vicente (2006), entretanto, afirma que [Y Neg] soa como uma forma não-marcada, que apenas retira o YP “(con) Clara” da lista de respostas possíveis, enquanto [Neg Y] soa como estrutura corretiva, em que se nega um pressuposto ou asserção prévia de que o falante iria com Clara.

- (26) A: Who did you go to the movies with?
 a. B: Con Clara **no**. (espanhol)
 b. B: **No** con Clara. (espanhol)

(VICENTE, 2006, p. 199)

Mas nas três línguas a estrutura com dois marcadores [Neg Y Neg] é inaceitável.

Os fragmentos negativos diferem dos *slogans* por dependerem de um contexto discursivo imediato para serem adequados⁸, mas são igualmente difíceis de analisar, por não apresentarem estrutura sintática adicional visível. São ambíguos entre (i) uma estrutura sintaticamente reduzida, constituída apenas da negação e do elemento negado; e (ii) a parte visível de uma estrutura maior que sofreu algum tipo de redução sintática ou fonológica. A segunda opção é defendida por Merchant (2004, 2009) (e outros autores), que aponta que os fragmentos exibem efeitos de conectividade. Em línguas com morfologia de caso, eles recebem a terminação equivalente à que receberiam na sentença completa.

- (27) A: Pjos idhe tin Maria? (grego)
 quem.NOM viu a Maria
 ‘Quem viu Maria?’
 B: O Giannis. / *Ton Gianni.
 o Giannis.NOM / o Giannis.ACUS

- (28) A: Pjon idhe i Maria?
 quem.ACUS viu a Maria
 ‘Quem Maria viu?’
 B: *O Giannis. / Ton Gianni.
 o Giannis.NOM / o Giannis.ACUS

(MERCHANT, 2004, p. 676; glosas e tradução minhas)

Merchant (2004, p. 678- 680) mostra que os fragmentos negativos também obedecem aos princípios de vinculação (cf. (29)).

⁷ Jairo Nunes (comunicação pessoal) chama a atenção para o fato de que respostas como “Não João” são pragmaticamente mais marcadas do que “João não”, pois o primeiro tipo requer necessariamente algum tipo de continuação (“Não João, foi Pedro!”), enquanto o segundo tipo parece dispensar essa continuação, embora o aceitem também. Trata-se do mesmo tipo de diferença pragmática apontada por Vicente (2006) para os fragmentos do espanhol, como apontado adiante no texto.

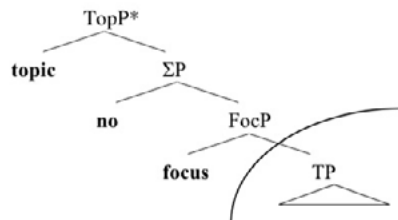
⁸ Os *slogans* também dependem de um contexto, mas este não é imediato. Eles funcionam dentro do pano de fundo mais amplo de uma discussão social, política ou cultural existente na sociedade.

- (29) A: Where is he₂ staying?
 a. B: *In John₂'s apartment.
 b. B: *He₂ is staying in *John*₂'s apartment.
- (30) A: Who did John₁ try to shave?
 a. B: *Him₁.
 b. B: *John₁ tried to shave *him*₁.
- (31) A: Who does John like?
 a. B: Himself.
 b. John likes *himself*.

Merchant não aplica os testes aos dados de fragmentos negativos, mas, como estes funcionam como suas contrapartes positivas, assume que a mesma análise deve valer, embora não apresente uma representação para eles nem discuta a origem do marcador na derivação.

Analisando casos do espanhol como os citados em (26), Vicente (2006) trata os fragmentos negativos como resultantes de movimento do remanescente para a periferia esquerda e apagamento do IP/TP (conforme MERCHANT, 2004, 2009; e DEPIANTE, 2000). As diferentes ordens são resultado de diferentes posições de pouso em relação do NegP/ΣP. Em [Y Neg] o remanescente seria movido para TopP, acima de ΣP (no sentido de LAKA, 1990), resultando na negação posposta; e em [Neg Y], para FocP, abaixo de ΣP (cf. (32)).

- (32) Fragmentos negativos segundo Vicente (2006)



Segundo o autor, isso explicaria a diferença nas leituras de (26a) e (26b), apresentadas acima: a leitura não-marcada em [Y Neg] e a leitura corretiva em [Neg Y]. Nesse sistema, NegP/ΣP seria gerado bem acima de IP em espanhol⁹ e sobreviveria à elipse. [Y Neg] seria proibido em inglês, pois a negação, abaixo de IP, sofreria apagamento.

Discutirei os problemas dessa análise posteriormente. A seguir, trato do segundo caso de negação contrastiva: *stripping* (ou *bare argument ellipsis*).

9 Um parecerista indaga que evidências haveria para considerar que ΣP é gerado entre TopP e FocP. Vicente (2006) apenas aponta que assume, sem maior discussão ("without discussion or argument"), que o marcador negativo é gerado diretamente nesta posição no Σ^o, sem ser movido para lá a partir de uma posição mais baixa. Admite, entretanto, que as evidências quanto ao escopo entre a negação e quantificadores como *muchos* e *todos* e entre a negação e o verbo modal *deber* são contraditórias.

Pela leitura do artigo, o que se percebe que a maior motivação para se alocar ΣP entre TopP e FocP é a necessidade de relacionar [Neg Y] a uma leitura de foco contrastivo. Entretanto, análises como a de Depiante (2000), discutidas adiante no texto, conseguem fazer isso sem essa postulação.

3.3. Negação contrastiva (II): *stripping* e *pseudo-stripping*

O segundo tipo de negação contrastiva é *stripping*, em que há uma coordenação em que o primeiro conjunto é uma sentença completa e o segundo corresponde superficialmente a um argumento ou adjunto verbal acompanhado por um elemento adverbial como *too*, *as well* (cf. (33)). O *stripping* também pode ocorrer com negação. Em inglês, apenas [Neg Y] é aceitável nesses casos. [Y Neg] e [Neg Y Neg] são inaceitáveis.

(33) a. John can play the guitar, and *Mary too / as well*. (MERCHANT, 2009)

- (34) a. *John* read El Quijote but **not** *Mary / not Hamlet*.
b. *John* has been to California but **not** *to Colorado*.
c. **John* read El Quijote (but) *Mary not / Hamlet not*.
d. **John* has been to California (but) *to Colorado not*.

(DEPIANTE, 2000, p. 101-104)

Mas, em espanhol e no PB, são possíveis tanto [Neg Y] quanto [Y Neg]. O segundo tipo, com a negação seguindo o remanescente, é chamado de *pseudo-stripping*.

- (35) a. Juan leyo El Quijote, pero **no** *María / no Hamlet*.
b. Juan ha estado en California, pero **no** *en Colorado*.
c. Juan leyo El Quijote, pero *María no / Hamlet no*.
d. Juan ha estado en California, pero *en Colorado no*.

(DEPIANTE, 2000, p. 101-106)

- (36) a. João leu D. Quixote, (mas) **não** *Maria / não Hamlet*.¹⁰
b. João viajou para Salvador, (mas) **não** *para Recife*.
c. João leu D. Quixote, (mas) *Maria não / Hamlet não*.
d. João viajou para Salvador, (mas) *para Recife não*.

Merchant (2004, 2009) e Vicente (2006) apontam a similaridade entre o *stripping* e os de fragmentos: apenas um constituinte correspondente a um argumento/adjunto (mais um item adverbial) ocorre em lugar de toda uma sentença.

Os casos de *stripping* podem ser vistos como: (i) coordenação de sentenças com um tipo de elipse (cf. (37a)); ou (ii) coordenação de elementos menores do que sentenças sem estrutura sintática adicional (cf. (37b)).

10 Um parecerista anônimo aponta que, em seus julgamentos, há uma assimetria entre remanescente sujeitos e não-sujeitos nos casos de *stripping*. Como indicado em (i) abaixo, a realização do sujeito no segundo conjunto elíptico é consideravelmente pior do que a realização do complemento.

(i) João leu D. Quixote, (mas) ^{??/}não *Maria / ^{0k}não Hamlet*.

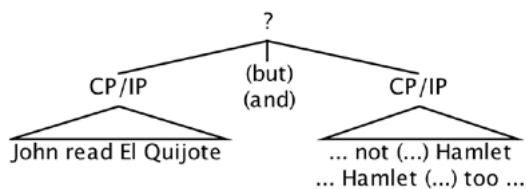
Essa assimetria, na verdade, não é surpreendente e provavelmente não está restrita ao seu dialeto. Deve estar relacionada à diferença de status informacional do sujeito não-marcado. Como a construção envolve um contraste entre o remanescente do segundo conjunto e o elemento com a mesma função sintática no primeiro conjunto, os dados com um remanescente sujeito requerem algum tipo de foco sobre o sujeito do primeiro conjunto. Os dados em (ii) e (iii) devem ser considerados bem mais aceitáveis do que (i).

(ii) João que leu D. Quixote, (mas) não *Maria*.

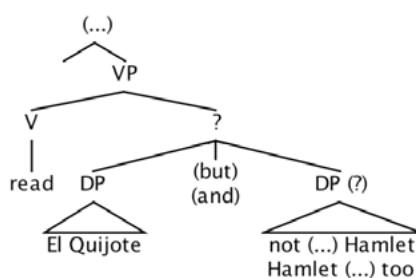
(iii) JOÃO leu D. Quixote, (mas) não *Maria*.

Esta assimetria, inclusive, favorece as análises que associam [Neg Y] em *stripping* (e em fragmentos) a um movimento do remanescente para uma categoria de FocP.

(37) a.



b.



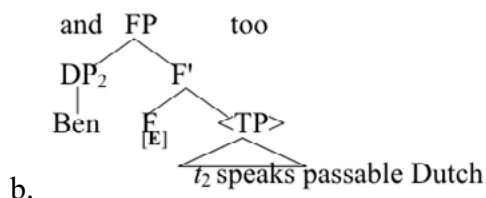
As sentenças em que o XP negado corresponde ao último elemento no primeiro conjunto são ambíguas entre as duas estruturas, mas os casos em que o XP negado contrasta com um elemento medial no primeiro conjunto (cf. (38)) favorecem uma análise de coordenação de elementos oracionais com elipse.

(38) The man stole [*the car*] after midnight, [but [**not the diamonds**]].

(MERCHANT, 2009)

Para o caso geral de *stripping* sem o marcador negativo, Merchant (2003) oferece a mesma análise proposta para os fragmentos negativos: movimento do remanescente para uma categoria de foco (FP) da periferia esquerda, seguido pelo apagamento do TP.

(39) a. Abby speaks passable Dutch, *and Ben, too*.



(MERCHANT, 2003)

E quanto aos casos de *stripping* com negação e os casos de fragmentos negativos?

A negação não poderia ser o núcleo de NegP, pois este seria apagado pela elipse de IP. E mesmo que não fosse apagado, não ocorreria à esquerda do remanescente movido, mas à direita.

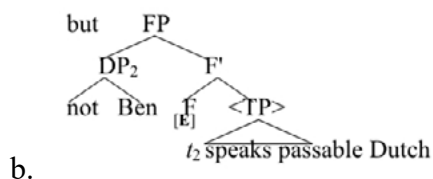
Depiante (2000) propõe que, no *stripping*, a negação é gerada como um modificador direto do remanescente (como adjunto), formando um constituinte único, que seria movido para uma posição na periferia esquerda como FocP ou TopP.

- (40) a. John read El Quijote but [_{FP} [not Mary]₁ [_{IP} [not Mary]₊ read El Quijote]]]
 b. John read El Quijote but [_{FP} [not Hamlet]₁ [_{IP} John read [not Hamlet]₊]]]
 c. Juan leyó El Quijote pero [_{FP} [no María]₁ [_{IP} [no María]₊ leyó El Quijote]]]
 d. Juan leyó El Quijote pero [_{FP} [no Hamlet]₁ [_{IP} Juan leyó [no Hamlet]₊]]]

(DEPIANTE, 2000, p. 133-134)

Merchant (2003) lista três possibilidades de análise. A primeira seria uma estrutura de negação de constituintes (cf. (41)), conforme Depiante (2000). A esta, ele objeta apenas o problema de o fenômeno de negação de constituintes ser pouco estudado e muito pouco compreendido. A segunda opção é que a negação pode ser gerada como adjunto da própria categoria FP para a qual o remanescente é movido.

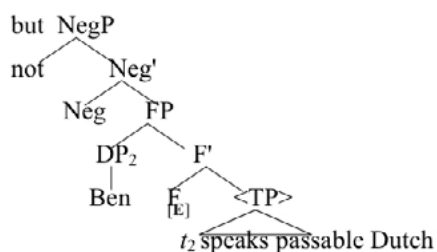
(41) a. *Abby speaks passable Dutch, (but) not Ben.*



(MERCHANT, 2003)

A terceira opção é considerar a negação como o especificador de uma categoria (adicional) de negação sentencial $NegP_2$ gerada acima de FP (cf. (42)).

(42)



(MERCHANT, 2003)

A idéia é baseada nos casos de inversão negativa de dialetos sub-*standard* do inglês (cf. (43)). Foreman (1999) rejeita a análise de Labov et al (1968) segundo a qual esses dados envolveriam o movimento do auxiliar para C° e propõe, então, a existência de um $NegP_2$ gerado entre CP e AgrP/IP. Assim, a negação e o auxiliar se moveriam das posições em que são gerados (Neg^0 e Agr^0 , respectivamente) para o núcleo de $NegP_2$.

(43) a. **Ain't** nobody complainin' but you, man.

b. **Ain't** nobody doin' nothin' wrong.

c. $[_{NegP} [_{Neg} \mathbf{Ain't}_i] [_{AgrP} nobody t_i [_{NegP} [_{Neg} t_i] [_{VP} do\ that]]]]]$

O problema dessa análise diz respeito à natureza desta segunda projeção negativa. Na proposta, a projeção adicional tem a mesma função que a projeção mais baixa, de negação sentencial, com escopo sobre toda a sentença, o que deveria não apenas afetar a interpretação da sentença elíptica, mas até mesmo interferir na condição de identidade entre os dois conjuntos que é uma pré-condição para a elipse.

Vicente (2006) também assume que os fragmentos negativos e os *strippings* possuem a mesma estrutura. Assim, para ele, *stripping* do espanhol teria também a estrutura em (32), com o remanescente sendo movido para o Spec da categoria de FocP, gerada abaixo da projeção de negação sentencial.

As propostas de Depiante (2000) e de Vicente (2006) para [Neg X] em fragmentos/*stripping* diferem em dois aspectos. Primeiro, Depiante (2000) assume uma estrutura de negação de constituintes; Vicente (2006), uma estrutura de negação sentencial. Segundo, Vicente (2006) precisa gerar o NegP/ΣP do espanhol no meio do CP (abaixo de TopP e acima de FocP) para permitir que a negação apareça à esquerda do remanescente no Spec de FocP. O autor não trata especificamente dos casos de [Neg X] em inglês, mas a sua análise teria que assumir o mesmo para esta língua para dar conta de casos equivalentes. Esse sistema vai contra o que é amplamente assumido pela literatura sobre o inglês (cf. POLLOCK, 1989; LAKA, 1990), em que NegP ocorreria abaixo de IP. Também contrariaria o que se assume para o espanhol, em que NegP é gerado imediatamente acima de IP, não no sistema CP (cf. BOSQUE 1984; RIVERO 1994; HAN 1999, 2001; ZAGONA 2002; ALERS 2009; DI TULLIO 2008).

A análise de Depiante (2000) tem a vantagem de não precisa alocar NegP/ΣP acima do CP/FinP/FocP nem em inglês nem em espanhol. Sendo um caso de negação de constituinte, é possível até assumir que ΣP/NegP está ausente ou inativo em tais sentenças, o que permite a identidade entre os dois conjuntos do *stripping* para licenciar a elipse. Assim, assumo a análise de Depiante (2000) para os casos de *stripping* negativo e de fragmentos negativos com a ordem [Neg Y], estendendo-a para o PB (cf. (44)).

- (44) Aplicando a proposta de Depiante (2000) aos casos de *stripping* no PB
- João leu D. Quixote mas [_{FP} **não** Maria]₁ [_{TP} ~~não~~ Maria]₊ leu D. Quixote]]
 - João leu D. Quixote mas [_{FP} **não** Hamlet]₁ [_{TP} João leu ~~não~~ Hamlet]₊]]

E quanto aos casos de pseudo-*stripping* e de fragmentos negativos com [Y Neg]? Depiante (2000) assume que o Neg/ΣP é gerado acima de IP (mas abaixo de CP) em espanhol e, portanto, sobrevive à elipse do IP (cf. (45)). É uma análise semelhante à de Vicente (2006) para os fragmentos negativos, mas que tem a vantagem de não precisar colocar NegP no sistema CP. A geração de NegP entre CP e IP é, como apontado antes, *standard* na literatura sobre o espanhol.

- (45) a. Ana leyo El Quijote pero [_{FP} **Maria**]₁ [_{ΣP} **no** [_{TP} Maria]₊ leyo El Quijote]]
 b. Ana leyo El Quijote pero [_{FP} **Hamlet**]₁ [_{ΣP} **no** [_{TP} Ana leyo Hamlet]₊]]

Assim, no sistema de Depiante (2000), *stripping* envolve negação de constituinte e pseudo-*stripping* envolve negação sentencial. Para os fragmentos com [Neg Y] e [Y Neg], teríamos a mesma diferença.

Esta análise também poderia, em princípio, ser aplicada aos casos de pseudo-*stripping* e de fragmentos negativos do PB. O marcador negativo pré-VP do português tem características semelhantes às do espanhol, por ser imediatamente pré-I^o. Seria possível assumir que o NegP do PB é gerado acima de TP, como no espanhol, sobrevivendo à elipse, como em Miotto (1992), Martins (1994), E. Martins (1997), Fonseca (2004) e Namiuti (2008). Entretanto, não assumirei aqui a análise de Depiante (2000) para pseudo-*stripping*, por motivos que ficarão claros depois.

Na próxima subseção, tratarei dos tópicos negativos.

3.4. Negação contrastiva (III): tópicos negativos

O que denomino de *tópicos negativos* é um fenômeno que se assemelha aos casos de *bare argument ellipsis* e aos dos fragmentos negativos. Envolve a negação de constituintes em posição pré-sentencial, como nos exemplos abaixo.

- (46) A: Mary told me you bought a car yesterday.
B: *Not a car*, he bought *a motorcycle*.
B': **A car not/no*, he bought *a motorcycle*.
- (47) A: Why did you said that he is incompetent?
B: *Not incompetent*, he is *lazy*.
B': **Incompetent not/no*, he is *lazy*.

Em inglês, os tópicos negativos só podem manifestar o padrão [Neg X]. O padrão [Y Neg] é inaceitável (com *not* ou *no*, assim como nos demais casos do inglês vistos antes). No PB, tanto [Neg Y] quanto [Y Neg] são aceitáveis nesse contexto (cf. (48)). Novamente, para alguns falantes, as formas com [Y Neg] soam mais naturais do que as com [Neg Y].

- (48) a. *Não um carro*, ele comprou uma moto.
b. *Não incompetente*, (eu disse que) ele é preguiçoso.
c. *Um carro não*, ele comprou uma moto.
d. *Incompetente não*, (eu disse que) ele é preguiçoso.

A ordem [Neg Y Neg], com dois marcadores, é completamente inaceitável (cf. (49)). É o mesmo comportamento que o PB mostra para os fragmentos negativos e para os casos de *stripping* (mas não exatamente o que ocorre em NIL e em *slogans* negativos).

- (49) a. **Não um carro não*, ele comprou uma moto.
b. **Não incompetente não*, (eu disse que) ele é preguiçoso.

Assim como fragmentos negativos, os tópicos negativos precisam de um contexto discursivo: devem ocorrer como uma espécie de réplica a algo presente no discurso anterior, como a fala de um interlocutor. Por outro lado, eles são semelhantes aos casos de *stripping* quanto à estrutura, pois ocorrem junto com uma sentença completa, com a qual contrastam.

Assim, eles poderiam ser reduzidos ou a casos de fragmentos sentenciais ou a casos de *bare argument ellipsis*. Na primeira hipótese, seriam fragmentos de sentenças que ocorrem, no discurso, em posição adjacente a uma sentença completa, mas sem estabelecer com ela uma relação sintática (nem de coordenação). Na segunda hipótese, seriam uma imagem espelhada dos casos de *bare argument ellipsis*, envolvendo a coordenação de duas estruturas sentenciais, mas com a sentença completa (não-elíptica) aparecendo no segundo conjunto e com a sentença elíptica no primeiro. Nos dois casos, podemos adotar, para os tópicos **com estrutura [Neg Y]**, a proposta de Depiante (cf. (50)). A diferença estaria apenas na questão de a sentença seguinte estar, de fato, coordenada à sentença elíptica ou não.

- (50) Tópicos negativos com [Neg Y] como elipse
a. [_{FP} **[not a car]**]₁ [_{IP} **he bought [not a car]**]₊], he bought...

- b. [_{FP} [not incompetent]₁] [_{IP} he is [not incompetent]₊]], he is lazy.
 c. [_{FP} [não um carro]₁] [_{IP} ele comprou [não uma carro]₊]], ele comprou... moto
 d. [_{FP} [não incompetente]₁] [_{IP} ele é [não incompetente]₊]], ele é...

Uma terceira opção consideraria os tópicos negativos, de fato, como um tipo de tópico, na periferia da sentença que antecede. Discutirei essa hipótese depois.

E quanto aos casos de tópicos negativos com a estrutura [Y Neg]? As hipóteses de análise e os problemas são os mesmos identificados para os casos semelhantes de fragmentos negativos e de pseudo-*stripping*. Voltaremos a eles na seção 4.

3.5. Negação contrastiva (IV): coordenações corretivas

O último caso é das *coordenações corretivas*. Esse fenômeno difere dos anteriores, pois (i) pode envolver posições mediais da sentença; (ii) são, de fato, casos de coordenação de estruturas menores do que uma sentença; (iii) e o contraste negativo não se estabelece em relação a formas presentes em outra sentença ou no contexto, mas dentro da mesma sentença.

As coordenações corretivas podem ocorrer em duas configurações, a depender de o item negado aparecer no primeiro (cf. (51)) ou no segundo conjunto (cf. (52)).

- (51) Negação do primeiro conjunto: [Neg XP, Conj YP]
 a. João deu *não um livro, mas um DVD* para Maria.
 b. Eu viajei *não para Salvador, mas para Recife* nas férias.
 c. Ele chegou *não depois, mas junto com* o concorrente.
 d. A empresa deve se expandir *não nacional(mente), mas internacionalmente* para sobreviver.
 e. Essa substância é *não (só) prejudicial, mas mortal* para as plantas.
 f. Eu viajei *não de, mas para* São Paulo.
- (52) Negação do segundo conjunto: [XP, Neg YP]
 a. João deu *um livro, não um DVD* para Maria.
 b. Eu viajei *para Salvador, não para Recife* nas férias.
 c. Ele chegou *depois, não junto com* o concorrente.
 d. A empresa deve se expandir *nacional(mente), não internacionalmente* para sobreviver.
 e. Essa substância é *prejudicial, mas não mortal* para as plantas.
 f. Eu viajei *de, não para* São Paulo.

Seja na negação do primeiro ou do segundo conjunto, temos algo diferente do que ocorre com os fragmentos negativos, os tópicos e os (pseudo-)strippings: apenas [Neg Y] é aceitável (assim como nos casos de NIL) (cf. (53)). [Y Neg] e [Neg Y Neg] são inaceitáveis.

- (53) [Y Neg] no primeiro conjunto da coordenação
 a. *João deu *um livro não, mas um DVD* para Maria.
 b. *Eu viajei *para Salvador não, mas para Recife* nas férias.
 c. *Ele chegou *depois não, mas junto com* o concorrente.
 d. *A empresa deve se expandir *nacional(mente) não, mas internacionalmente* para sobreviver.

- e. *Essa substância é *prejudicial não, mas mortal* para as plantas.
 f. *Eu viajei *de não, mas para* São Paulo.

- (54) [Y Neg] no segundo conjunto da coordenação
 a. *João deu *um livro, um DVD não* para Maria.
 b. *Eu viajei *para Salvador, para Recife não* nas férias.
 c. *Ele chegou *depois, junto com não* o concorrente.
 d. *A empresa deve se expandir *nacional(mente), internacionalmente não* para sobreviver.
 e. *Essa substância é *prejudicial, mas mortal não* para as plantas.
 f. *Eu viajei *de, para não* São Paulo.

Esse fenômeno não permite apenas a coordenação de constituintes como DPs, APs e PP, mas até mesmo a coordenação de itens lexicais, inclusive de preposições, como mostram os exemplos (c) e (f), aproximando-se dos casos de NIL em mais um aspecto.

3.6. Resumo dos padrões de negação de constituintes do PB

Dos seis contextos de negação de constituintes no PB, em dois deles (negação de itens lexicais e coordenações corretivas), apenas o padrão [Neg Y] é aceitável. Em um deles (*slogans* negativos), apenas [Y Neg] é aceitável¹¹. Nos outros três contextos (fragmentos, *stripping* e tópicos negativos), os dois padrões são aceitáveis, conforme quadro abaixo. Essencialmente, [Y Neg] só é possível em posições extra-sentenciais e/ou elípticas, nunca em posições mediais. [Neg Y] é possível em posições mediais, seja com XPs ou com núcleos.

Contextos	[Neg Y]	[Y Neg]	[Neg Y Neg]
Negação de itens lexicais	OK	—	—
<i>Slogans</i> negativos	—	OK	—
Fragmentos de sentença	OK	OK	—
<i>Bare argument ellipsis</i>	OK	OK	—
Tópicos negativos	OK	OK	—
Coordenações corretivas	OK	—	—

Quadro 1: Distribuição dos padrões de negação de constituinte no PB

4. ANÁLISE PARA OS DADOS

4.1. Negação preposta de constituintes

Os dados de negação de itens lexicais e os de coordenações corretivas são os únicos em que apenas a negação preposta é aceitável, refletindo o principal padrão de negação sentencial. São, por isso, os casos mais simples de se analisar. Assumo para eles o que já está estabelecido na literatura em outros autores.

Para os casos de NIL, teríamos o marcador negativo funcionando como um item afixal ou quase afixal, modificando diretamente o núcleo sobre o qual age (cf. ALVES, 1992; CAMPOS, 2004; PEREIRA,

¹¹ O leitor deve estar atento que, nos *slogans* negativos, a negação preposta não pode modificar diretamente o constituinte, mas a estrutura dativa, com uma preposição obrigatória, é possível, como em [Não à CPMF]. Considero estes casos como estruturalmente distintos de [Neg Y].

2006). Essa situação é possível devido à ambiguidade essencial do marcador negativo núcleo de NegP, que funciona como um elemento clítico mesmo na negação sentencial. O fato de que dados semelhantes em inglês ocorrem necessariamente com o item quase-afixal *non* fortalece essa hipótese.

Para as coordenações corretivas, a negação adjunge-se à esquerda do XP negado, como assumido por Depiante (2000) e outros autores. Isso explica por que [Neg Y] ocorre livremente em posições mediais e não-mediais da sentença: a adjunção da negação ao item negado não é restringida pela posição sintática.

Mas por que [Y Neg] seria bloqueado em contextos? Veremos, adiante, como [Y Neg] é gerado no PB.

4.2. Negação posposta de constituintes

A idéia básica é que os casos de negação de constituinte refletem a mesma assimetria que existe, no nível sentencial, entre um marcador negativo medial (associado ao VP e ao sistema IP) e um marcador negativo periférico (associado ao sistema CP).

Em Cavalcante (2007, 2012), propus que a negação sentencial com um marcador negativo em posição final não é gerada por adjunção à direita do VP nem por uma categoria funcional negativa extra ligada ao IP. Ao invés disso, deriva do movimento de toda a sentença para uma categoria responsável por negação (e afirmação/confirmação) anafórica gerada no sistema CP.

Esta categoria difere do NegP de Pollock (1989), do Σ P de Laka (1990) e do PolP de Zanuttini (1995) e Fonseca (2004) (cf. também MARTINS, 1994; e OLIVEIRA, 1996) por não codificar a negação sentencial nem a checagem da polaridade da sentença¹². Trata-se da categoria que codifica a negação anafórica, pré- e extra-sentencial (cf. (55)), onde se realizam as partículas assertivas do tipo sim/não (do português), yes/no (inglês), sí/no (espanhol) etc. Daí, a denominação AstP (relacionado a “Assertive”).

- (55) a. A: Você fez o trabalho? / Você não fez o trabalho!
b. B: É/sim, eu fiz.
c. B': Não, eu não fiz.
d. B'': Não, eu fiz.
e. B''': É/sim, eu não fiz.
f. [_{AstP} é/sim/não [_{CP} [_{IP} eu₁ não₂+fiz₃ [_{NegP} [_{Neg} (...)[_{VP} (...)]]]]]]]

A polaridade das partículas assertivas pode ser diferente da polaridade das sentenças que introduzem (cf. (55d,e)), pois sua função não é afirmar ou negar a própria sentença, mas um tópico nulo que retoma uma sentença anterior ou uma inferência contextual. Os casos de negação sentencial com [Neg VP neg] e [VP Neg] derivam do movimento da sentença para o especificador de AstP, que aloja as partículas assertivas.¹³

¹² A categoria AstP não corresponde ao Σ P de Laka (1990) ou ao PolP de Zanuttini (1995), mas é similar ao PolP de Farkas (2010), que é responsável pela chamada negação externa (*outer polarity*) e não pela polaridade interna (*inner polarity*), codificada por um Σ P.

¹³ A alocação de AstP no sistema CP tem várias motivações. Em primeiro lugar, este elemento não exerce escopo sobre o seu complemento, sob comando, como as categorias funcionais do sistema CP. Ao invés disso, funciona como as categoriais periféricas como TopP e FocP, agindo sobre seu especificador. Em segundo lugar, isso explica porque os marcadores finais, não apenas do PB, mas de outras línguas como o são-tomense, o palenquero etc, não apresentam sensibilidade a propriedades flexionais típicas do IP, mas a propriedades ligadas ao CP. Como o leitor pode verificar em Cavalcante (2012), [Neg VP Neg] e [VP Neg] ocorrem em sentenças declarativas matrizes, imperativas e interrogativas polares, mas não

- (56) a. Eu não gosto disso não.
 b. [_{AstP} [_{IP} eu não gosto disso] [_{Ast'} não [_{CP} [_{IP} ~~eu não gosto disso~~]]]]
 c. Gosto disso não.
 d. [_{AstP} [_{IP} *pro* gosto disso] [_{Ast'} não [_{CP} [_{IP} ~~*pro* gosto disso~~]]]]

Para dar conta da negação posposta de constituintes no PB, proponho que o marcador que ocorre neles não é o núcleo de NegP, mas a partícula assertiva gerada em AstP, na periferia esquerda da sentença. Isto não significa que AstP tenha a liberdade de se colocar em outras posições das sentenças, mas sim que o constituinte negado deve se mover para o especificar dessa categoria.

Isso explica por que a negação de constituinte com o formato [Y Neg] ocorre apenas em posições pré-sentenciais ou elípticas, sendo inaceitável em posições mediais: ela envolve o movimento do item negado para o Spec de AstP, da mesma forma que são gerados os casos de negações sentencial pós-verbal.

Nessa perspectiva, translingüísticamente, o Spec de AstP pode aceitar: (i) um argumento (proposicional) nulo; (ii) um constituinte sentencial pleno, foneticamente realizado; (iii) um constituinte não-oracional.

Em línguas como o inglês, apenas argumentos nulos podem ocorrer nesta posição. Em línguas como o espanhol, podem ocorrer no Spec de AstP argumentos nulos e constituintes não-oracionais. E no PB, podem ocorrer os três tipos de argumentos: nulos, não-oracionais e sentenciais.

Por essa proposta, os **fragmentos negativos** com [Y Neg] também são derivados por movimento do remanescente para o Spec de AstP e elipse sentencial (cf. (57)).

- (57) Contexto: “Você encontrou João na festa ontem?”
 a. João **não**.
 b. [_{AstP} [_{DP} João]_i [_{Ast'} não [_{CP} [_{TP} ~~eu encontrei~~ [_{VP} ... [_{DP} João]_i ontem na festa]]]]]
 c. Na festa **não**.
 d. [_{AstP} [_{PP} na festa]_i [_{Ast'} não [_{CP} [_{TP} ~~eu encontrei~~ [_{VP} ... João ontem [_{PP} na festa]_i]]]]]

Os casos de pseudo-*stripping* são derivados da mesma maneira, com a diferença de que esta sentença ocorre em coordenação à outra.

- (58) a. João leu D. Quixote, (mas) *Maria não*.
 b. ... mas [_{AstP} [_{DP} Maria]_i [_{Ast'} não [_{CP} [_{TP} [_{DP} Maria] leu [_{VP} ... D. Quixote]]]]]]
 c. João leu D. Quixote, (mas) *Hamlet não*.
 d. ... mas [_{AstP} [_{DP} Hamlet]_i [_{Ast'} não [_{CP} [_{TP} João leu [_{VP} ... [_{DP} Hamlet]]]]]]¹⁴

em interrogativas QU; também são bloqueadas em sentenças encaixadas de todos os tipos, com uma exceção: apenas [Neg VP Neg] é aceitável em encaixadas completivas. No português europeu, as restrições são ainda maiores. O marcador final ocorre apenas em declarativas matrizes, sendo totalmente excluído em imperativas, interrogativas polares ou QU e em encaixadas. Outras restrições semelhantes (mas não idênticas) ocorrem nos marcadores finais de outras línguas.

14 Um parecerista anônimo pergunta se o DP sujeito não imporia um efeito de intervenção sobre o movimento do DP complemento para o Spec de AstP, desencadeando o movimento do primeiro ao invés do segundo. Em resposta a isso, aponto que o movimento do DP complemento para o Spec de AstP por sobre o DP sujeito, qualquer que seja sua motivação, ocorre de modo semelhante a uma topicalização ou focalização de um objeto por sobre um sujeito. A gramática permite isso de modo independente, o que é compatível com a análise, pois a alocação de AstP no sistema CP tem como uma de suas motivações o fato de esta categoria funcionar de modo semelhante às outras projeções do CP, por não ter escopo sobre seu complemento, sob c-comando, mas sobre o seu especificador.

Os casos de tópicos negativos aceitam perfeitamente o *nada* enfático no lugar da negação posposta. Em posição preposta, porém, o *nada* enfático é inaceitável.

- (62) a. *Um carro* {não/**nada**}, ele comprou uma moto.
b. *Incompetente* {não/**nada**}, ele é preguiçoso.
c. {Não/***nada**} *um carro*, ele comprou uma moto.
d. {Não/***nada**} *incompetente*, ele é preguiçoso.

Comportamento semelhante ocorre nos fragmentos negativos: o *nada* posposto é consideravelmente melhor do que o preposto.

- (63) A: Você encontrou João na festa ontem?
B: João {não/?**nada**}! Na festa {não/?**nada**}! / Ontem {não/?**nada**}!
B': {Não/***nada**} João! / {Não/***nada**} na festa! {Não/***nada**} ontem!

Nos casos de pseudo-*stripping*, a aceitabilidade do *nada* enfático é menor, provavelmente devido a um requerimento adicional de que esse marcador deve ocorrer como réplica, condição que não pode ser cumprida no segundo conjunto da coordenação. Mas [X nada], ainda que marginal, é bem melhor do que [nada X] (cf. (64)).

- (64) a. Ele comprou uma moto, *um carro* {não/?**nada**}.
b. Ele é preguiçoso, *incompetente* {não /?**nada**}.
c. Ele comprou uma moto, {não/***nada**} *um carro*.
d. Ele é preguiçoso, {não/***nada**} *incompetente*.

O segundo argumento vem de línguas em que o marcador anafórico (equivalente a *yes/no*) e o marcador sentencial (equivalente a *not*) correspondem a itens lexicais diferentes e em que, adicionalmente, há alternância entre os padrões [Neg Y] e [Y Neg]. Em francês, *stripping* é realizado através de *pas*, que é o marcador sentencial associado ao sistema IP; já em pseudo-*stripping*, ocorre o marcador *non* (que é a partícula assertiva) ao invés de *pas* (cf. (65)).

- (65) a. Jean aime le chocolat, mais **pas** Marie.
'Jean gosta de chocolate, mas não Maria'
b. Jean aime le chocolat, mais Marie **non**.
'Jean gosta de chocolate, mas Maria não'

(MORRIS, 2008, p. 1; tradução minha)

Nos casos de fragmentos negativos, apenas o padrão [Y Neg] é permitido em francês. E o marcador usado é, novamente, *non* ao invés de *pas* (cf. (66)).

- (66) A: Jean aime le chocolat.
B: Marie **non**. / ***Pas** Marie.

Também em casos de tópicos negativos com o formato [Y Neg], o marcador negativo usado deve ser *non* ao invés de *pas* (cf. (67)).

- (67) *Marie non*, elle n'aime pas le chocolat.

De modo semelhante, em italiano, os casos equivalentes a pseudo-*stripping* ocorrem necessariamente com o marcador *no* (equivalente ao *no* do inglês) e são inaceitáveis com o marcador *non* (equivalente ao *not* do inglês).

(68) Anna é partite, ma Ben {**no**/*non}.

(MERCHANT, 2001; apud HAGEMEIJER, 2007, p. 195)

O terceiro argumento vem de línguas que têm o padrão [Neg VP Neg] na negação sentencial, mas em que os marcadores pré- e o pós-VP não são idênticos nem etimologicamente relacionados. É o caso do são-tomense, que apresenta alternância entre [Neg VP] e [Neg VP neg]: o marcador pré-VP/I° é *na*, e o pós-VP é *fa*. Hagemeyer (2007) aponta que, em *bare argument ellipsis*, apenas *fa* é aceitável, justamente em posição posposta; *na* e suas variações são excluídos (cf. (69)).

(69) Zon be, maji (***na**/*naxi/*nantan) Maya **fa**.

Zon vai mas NEG Maya NEG

‘Zon foi, mas Maya não’

(HAGEMEIJER, 2007, p. 193; glosas e tradução minhas)

Esses três argumentos mostram que os itens de valores assertivo, utilizados em réplicas, e/ou associados à negação pós-VP, apresentam uma relação mais próxima com os casos de fragmentos negativos, de *stripping* e de tópicos negativos do que os marcadores negativos mediais, ligados ao I° (em posição imediatamente pré-I° ou imediatamente pós-I°).

5. CONCLUSÕES: POR UMA TIPOLOGIA DO PREENCHIMENTO DE SPEC,ASTP

Os dados de negação de constituinte discutidos neste artigo podem contribuir para a compreensão do desenvolvimento da negação sentencial pós-verbal. A pergunta a ser levantada é: Por que o PB possui negação posposta sentencial e não-sentencial, mas o espanhol possui apenas a versão não-sentencial? A introdução de fatos sobre o francês e o italiano traz luz sobre essa questão. É possível relacionar a disponibilidade de [(Neg) VP Neg] à natureza de um traço do tipo EPP responsável pelo preenchimento da posição de especificador de AstP. É possível identificar um padrão tipológico claro.

A princípio, todas as línguas que têm partículas responsivas do tipo *yes* e *no* podem usar esses elementos para replicar a uma proposição apresentada anteriormente, sem a necessidade de repeti-la. Ou seja, todas elas podem ter Spec,AstP preenchido por um tópico nulo. Para algumas línguas, como o inglês, essa é a única opção disponível para o preenchimento de AstP.

Já línguas como o francês e o espanhol permitem que Spec,AstP seja preenchido por um tópico nulo ou por um constituinte não-oracional. Por último, línguas como o PB vão um passo além do francês e do espanhol e generalizam as possibilidades de preenchimento para permitir qualquer tipo de constituinte, inclusive os oracionais. O quadro 2 sintetiza essa proposta tipológica.

Tipo de preenchimento	Inglês	Espanhol	Francês	Português
Argumentos nulos	sim	sim	Sim	sim
Constituintes não-oracionais	—	sim	sim	sim
Constituintes oracionais	—	—	—	sim

Quadro 3.2: Formas de preenchimento do especificador de AstP

Essa variação paramétrica pode ser vista como um padrão direcional com relação à mudança linguística. Assim, uma língua como o inglês não pode mudar diretamente para um padrão como o do português (com o *yes* e *no* passando a marcar negação/confirmação sentencial em posição final) sem passar por uma fase intermediária como a do espanhol e do francês (com *yes* e *no* marcando negação/confirmação não-oracionais).

Nessa perspectiva, a existência de [Y Neg], mas não de [(Neg) VP Neg], em espanhol não é um fato acidental, mas resultado previsto pela tipologia das partículas assertivas. Isso também dá conta de certos dialetos do espanhol no continente americano, que permitem o padrão [Neg VP Neg], com o marcador *no* co-ocorrendo em posição final de sentença.

Mas essa hipótese tipológica não diz respeito a todas as línguas que possuem negação de constituintes com o formato [Y Neg] e/ou [Neg Y Neg], pois línguas como o turco, o marati, o africâner e o hausa podem apresentar esse tipo de negação por outros processos, especialmente quando este for a única forma de negação de constituintes disponível na língua.

REFERÊNCIAS

- ALERS, Hilton. (2009). Some remarks on Spanish sentential negation. *Cuadernos de Linguística / U.P.R. Working Papers*, vol. 2, n.1.
- ALVES, Ieda Maria. (1992). Prefixos negativos do português falado. In: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do português falado*: vol. II. Campinas: UNICAMP. p. 101-109.
- BHATT, Rakesh Mohan. (2003). *Topics in the Syntax of the Modern Indo-Aryan Languages*: Negation and Negative Polarity. Material de aula, 9 de maio de 2003.
- BIBERAUER, Theresa; CYRINO, Sonia. (2009). Negative developments in Afrikaans and Brazilian Portuguese. *19th Colloquium on Generative Grammar*, 1 a 3 de abril de 2009, Universidade do País Basco, Espanha.
- BOSQUE, Ignacio. (1984). Negacion y elipsis. *Estudios de Linguística* 2: 171-199.
- CAMPOS, Lucas Santos. (2004). O desempenho do não como prefixo. In: COSTA, Sônia Bastos

- Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- CAVALCANTE, R. (2007). *A negação pos-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado.
- CAVALCANTE, R. (2012). *Negação anafórica no português brasileiro: negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CHOI, Kiyong. (2004). The Structure of Constituent Negation in English. In: *Studies in Generative Grammar*, v. 14, n. 2, p. 187-197.
- CRYSMANN, Berthold. (2010). Discontinuous negation in Hausa. In: *Proceedings of the 17th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar (HPSG 2010)*. CSLI Publications. p. 269–287.
- DEPIANTE, M. (2000). *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: a study of null complement anaphora and stripping/bare argument ellipsis*. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Connecticut.
- DI TULLIO, Angela L. *Palabras negativas en contexto enfático: nada, ningún*. [impresso]
- FONSECA, H. D. C. (2004). Marcador negativo final no português brasileiro. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 46, n. 1, 5-19.
- HAGEMEIJER, Tjerk. (2007). *Clause Structure in Santome*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- HAN, Chung-Hye. (1999). Cross-linguistic variation in the compatibility of negation and imperatives. *Proceedings of the 17th West Coast Conference on Formal Linguistics*. CSLI, Stanford, 265-279.
- HAN, Chung-Hye. (2001). Force, negation and imperatives. *The Linguistic Review*, v. 18, p. 289-325.
- KORNFILT, Jaklin. (1997). *Turkish*. London & New York: Routledge.
- LAKA, I. (1990) *Negation in syntax: on the nature of functional categories and Projections..* Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Boston.
- MARTINS, Ana M. (1994). *Clíticos na história do português*. Tese (Doutorado em Letras) -

Universidade de Lisboa, Lisboa.

MARTINS, Ana Maria. (2012). Minicurso *The portuguese answering system: affirmation, negation and denial*, ministrado no Castilho – II Congresso Internacional de Linguística Histórica, na Universidade de São Paulo, de 8 a 10 de fevereiro de 2012.

MARTINS, Eneida E. (1997). *Sentential negation in spoken Brazilian Portuguese*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Georgetown University, Washington.

MCCAWLEY, James D. (1991). Contrastive Negation and Metalinguistic Negation. *The proceedings of the 27th Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society (CLS 27)*, p. 189-206.

MERCHANT, Jason. (2001). *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis*, Oxford University Press, Oxford.

MERCHANT, Jason. (2003). *Remarks on Stripping*. University of Chicago. Mimeografado.

MERCHANT, Jason. (2004). Fragments and ellipsis. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, n. 6, p. 661-738.

MERCHANT, Jason. (2009). Ellipsis. In: ALEXIADOU, Artemis; KISS, Tibor; BUTT, Miriam. (ed.) *Handbook of Contemporary Syntax*. 2 ed. Berlin: Walter de Gruyter.

MIOTO, Carlos. (1992). *Negação sentencial no português brasileiro e a teoria da gramática*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MORRIS, Amanda. (2008). *Polarity Ellipsis and Negative Stripping*. Manuscrito não-publicado. <http://babel.ucsc.edu/~hank/PolarityEllipsisandNegStripping.pdf>.

NAMIUTI, C. Negação sentencial na diacronia do português: variação com estabilidade. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 193-239, 2008.

OLIVEIRA, Marilza. (1996). *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: o seu papel na aquisição*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PANDHARIPANDE, R. V. (1997) *Marathi: a descriptive grammar*. London: Routledge. Descriptive Grammars Series.

PEREIRA, Pamella Alves. (2006). *Para uma distinção entre radical e prefixo: será não composto um composto ou um derivado?* Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- PINTO, Clara. (2010). *Negação Metalinguística e Estruturas com nada no Português Europeu*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PINTO, Clara. (2010). *Negação Metalinguística e Estruturas com nada no Português Europeu*. Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- POLLOCK, J-Y. (1989). Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 20, p. 365-424.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Lilian. (2008a). *Doubled items and focus in BP: negation doubling*. Comunicação apresentada no Workshop Interfaces. Universidade Estadual de Campinas, 5 de junho de 2008.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Lilian. (2008b). *Negation doubling in Brazilian Portuguese* Comunicação apresentada no VII Workshop On Formal Linguistics. Universidade Federal do Paraná, 28 e 29 de agosto de 2008.
- VICENTE, Luis. (2006). Short negative replies in Spanish. *Linguistics in the Netherlands*, v. 23, n.1, p. 199–211.
- VITRAL, Lorenzo. (1999). A negação: teoria da checagem e mudança lingüística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 1.
- ZAGONA, Karen. (2002). *The Syntax of Spanish*. Cambridge University Press.
- ZANUTTINI, Raffaella. (1995). *Reflexes of clausal structures in the syntax of negation: a comparative study of Romance languages*. Tese (Doutorado em Linguística) – Georgetown University.
- ZIEGELMEYER, George. (2009). Negation of non-indicative mood in Hausa, Fulfulde and Kanuri. In: CYFFER, Norbert; EBERMANN, Erwin; ZIEGELMEYER, Georg. (ed.). *Negation Patterns in West African Languages*. Amsterdam: John Benjamins. Typological Studies in Language, 87.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1998). *Prosody, focus, and word order*. Cambridge, Mass: The MIT Press.